

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

LÚCIA PEREIRA RIBEIRO

O NEGRO HERÓI NO ROMANCE BOM CRIOULO

Porto Alegre
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

LÚCIA PEREIRA RIBEIRO

O NEGRO HERÓI NO ROMANCE BOM CRIOULO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para conclusão do curso de
Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e
Literaturas de Língua Portuguesa da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Jane Tutikian.

Porto Alegre

2010

LÚCIA PEREIRA RIBEIRO

O NEGRO HERÓI NO ROMANCE BOM CRIOULO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para conclusão do curso de
Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e
Literaturas de Língua Portuguesa da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Jane Tutikian.

Aprovado em ____ de dezembro de 2010

BANCA EXAMINADORA

Anderson Hakenhoar - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Luciano Rodolfo - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO

Este trabalho pretende apresentar uma análise do herói negro no romance *Bom Crioulo*, escrito por Adolfo Caminha. A obra em análise foi publicada em 1895 e seu herói foge aos moldes da época, sendo um dos primeiros heróis negros da literatura brasileira. O romance em estudo insere-se no contexto do Naturalismo, além de possuir um protagonista negro, trata do amor homossexual, fazendo de Amaro o primeiro herói homossexual da literatura deste país. Trata-se de uma relação tabu não apenas por ser uma relação homossexual, mas também porque é uma relação entre um homem negro e um rapaz branco muito mais jovem. Este estudo relaciona informações sobre o autor e o contexto do Naturalismo. O trabalho tem como objetivos apresentar uma definição teórica para herói e desenvolver um estudo sobre a construção do herói negro na obra, através da análise da construção da personagem, de sua trajetória, da problemática da relação homoerótica e o amor entre dois homens.

Palavras-chave: Adolfo Caminha; herói; negro; homossexual

ABSTRACT

The purpose of this study is to present an analysis of the black hero in the novel *Bom Crioulo*, by Adolfo Caminha. The book was published in 1895 and his hero flees to the molds of his time, being one of the first black heroes of the Brazilian Literature. The novel is inserted in the context of Naturalism, in addition to have a black protagonist, deals with homosexual love, making Amaro the first homosexual hero of the literature of this country. It is a taboo relationship not only for being a homosexual relationship, but also because it is a relationship between a black man and a much younger white guy. This study includes information about the author and the context of Naturalism. The work has as objectives presents a theoretical definition for a hero and develop a study on the construction of the black hero at book, by analyzing the construction of character, its trajectory, the problematic of homoerotic relationship and love between two men.

Keywords: Adolfo Caminha; hero; black; homosexual.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1 ADOLFO CAMINHA.....	8
2 CONTEXTO HISTÓRICO E O NATURALISMO NO BRASIL.....	9
3 HERÓI.....	12
4 A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM.....	14
5 A TRAJETÓRIA DE AMARO.....	18
6 A RELAÇÃO HOMOERÓTICA E O AMOR	20
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	25

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende apresentar uma análise do herói negro no romance *Bom Crioulo*, escrito por Adolfo Caminha. A obra em análise foi publicada em 1895 e seu herói foge aos moldes da época.

O trabalho tem como objetivos apresentar uma definição teórica para herói e desenvolver um estudo sobre a construção do herói negro na obra, mais especificamente, Amaro em *Bom Crioulo*.

O critério para escolha dessa obra foi a presença de um herói negro e a sua relevância na literatura brasileira, "resiste ainda hoje a uma leitura crítica que descarte os vezos da escola e saiba apreciar a construção de um tipo,[...] consciente da passionalidade que o move, pelos meandros do sadomasoquismo, à perversão e ao crime" (BOSI, 1994, p.194).

Bom Crioulo está entre os primeiros romances brasileiros que possuem heróis negros, considerando-se que ser negro corresponde à etnia e não somente à cor de pele. O escritor romântico Bernardo Guimarães também introduziu o tema do destino trágico do negro no mundo dos brancos, em *A escrava Isaura*, tendo uma visão bastante idealizada do negro, assim como José de Alencar apresentava a visão idealizada do índio. Depois às vésperas da abolição, Aluísio Azevedo publica *O mulato*, cujo protagonista ignora sua cor e condição de filho de escravo e tem os mesmos objetivos da elite branca.

A fase patriarcal do romance brasileiro que corresponde ao Romantismo tem "reduzida presença do personagem negro" (FREYRE, 1979, p.92). No decorrer do romance pós-patriarcal que começa com o Realismo, percebemos "o aparecimento de pessoas de origem social modesta e até indivíduos de cor – não só indianóides (já exaltados por José de Alencar) e negróides sob o aspecto de heróis" (FREYRE, 1979, p.99). Nesse período, o negro aparece como herói em alguns "romances marcantes: saliente-se o *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, destaque-se *O Moleque Ricardo*, de José Lins do Rego. Também o *Balduíno*, de Jorge Amado" (FREYRE, 1979, p.100).

O romance em estudo insere-se no contexto do Naturalismo, além de possuir um protagonista negro, trata do amor homossexual, fazendo de Amaro o primeiro herói homossexual da literatura brasileira. Trata-se de uma relação tabu não apenas por ser uma relação homossexual, mas também porque é uma relação entre um homem negro e um rapaz branco

muito mais jovem. Além de apresentar os detalhes eróticos de uma relação homossexual masculina, o fato de esses homens pertencerem à Marinha brasileira também tornou a obra chocante para o público da época.

A melhor maneira para examinar a obra é analisando seu herói. Este estudo apresenta no primeiro capítulo informações sobre o autor e no segundo o contexto em que o romance foi publicado. No terceiro capítulo procura-se distinguir as definições de herói do romance e da epopeia. Pois, a escolha de Amaro exige que o esses conceitos sejam definidos, pois a personagem não é comum, e sim um herói que foge aos preceitos da época. No quarto capítulo apresenta a análise da obra centrada na construção da personagem. A trajetória da personagem, Amaro, aparece no quinto capítulo. O sexto capítulo apresenta, através de trechos pontuais da obra, a problemática da relação homoerótica e o amor entre dois homens.

1 ADOLFO CAMINHA

Adolfo Ferreira Caminha nasceu em 1867, na cidade de Aricati, no estado do Ceará. Ao perder a mãe muito cedo por causa da seca de 1877, foi criado por um tio que o educou e o encaminhou para a Marinha no Rio de Janeiro em 1883. Saiu da Escola Naval aos dezoito anos, tornou-se republicano e revoltado, começando escandalosamente sua colaboração na imprensa com o artigo "A *Chibata*", denunciando o castigo corporal na Marinha. Como guarda-marinha, conhece os Estados Unidos em 1886, viagem que lhe rendeu um livro de crônicas, *No País dos Ianques* (1894).

Quando voltou a Fortaleza envolveu-se em outro escândalo, raptando a esposa de um alferes com quem passa a viver, o que o levou a pedir demissão do cargo de segundo-tenente e tornar-se funcionário da Tesouraria da Fazenda. Em Fortaleza, foi um dos mentores da Padaria Espiritual, agremiação literária que promoveu, de 92 a 98, os naturalistas da província, tendo como um de seus maiores modelos Eça de Queirós. Em 1892, volta ao Rio de Janeiro, onde publica algumas de suas obras mais conhecidas como o romance *A Normalista* (1893) e *Bom Crioulo* (1895). Além de contos, Caminha deixou, outro livro, *Tentação* que se insere também na escola naturalista. Morre, vítima da tuberculose em 1897, antes de completar 30 anos.

2 CONTEXTO HISTÓRICO E O NATURALISMO NO BRASIL

Alguns acontecimentos históricos de 1870 são importantes para contextualizar o Naturalismo como o fim da guerra do Paraguai, a fundação do Clube Republicano e do jornal A República e o lançamento do Manifesto Republicano. Outros acontecimentos nos anos subsequentes como a Lei do Ventre Livre, de 1871; a libertação dos sexagenários, em 1885; a Abolição, em 1888; a República, em 1889; a Primeira Constituição republicana, em 1891.

Esses fatos assinalam mudanças sensíveis no modo de viver e, portanto, no comportamento da população, fazendo do ano de 1870 um marco de passagem de uma fase para outra no desenvolvimento brasileiro. A urbanização, o lento avanço da burguesia, a ampliação da rede ferroviária, fundação de jornais e o telégrafo reduziram as distâncias do país continental, aproximando os núcleos populacionais.

Nessa fase apareceu o Naturalismo. A inquietação que se reflete em episódios políticos anuncia o crescimento da burguesia, concentrada nas cidades e influenciando na imprensa, nas letras e nas escolas superiores, no parlamento, nas lutas dos partidos e nas rebeliões armadas. Essa classe constituía a vanguarda combativa de uma burguesia que começava a se desenvolver no Brasil agrário e de trabalho escravo. Havia um fascínio pelo exterior e uma crença de que para o país se desenvolver precisava tomar atitudes semelhantes às da Europa. O país não podia realizar isso como um todo, então as elites o faziam.

O crescimento das cidades, o encurtamento das distâncias, a frequência dos contatos em especial com o exterior criavam condições para a atividade das letras. A imprensa passou da fase artesanal para a industrial. O romance tomou conta da literatura em relação à poesia, demonstrando uma maturidade literária e sendo a forma preferida tanto pelos autores quanto pelo público.

O Naturalismo representa uma reação da pequena burguesia contra a alienação do romantismo e representa o acesso de mais camadas sociais ao conhecimento científico, reservado até então, somente às elites. Apesar da influência do modelo externo do Naturalismo, a circunstância histórica era própria do Brasil, trazendo dignidade ao romance do período. O sexo que era banido das narrativas, entrou para ocupar uma posição exagerada, da mesma maneira que

o corpo é altamente valorizado. A escola tem o pretexto de representar fielmente a realidade e a observação triunfa nas obras

No Maranhão inaugura-se o Naturalismo brasileiro com *O Mulato*, de Aluísio Azevedo. Em 1890, o naturalismo brasileiro atinge o apogeu, com o lançamento de *O Cortiço*, do mesmo autor. Lúcia Miguel Pereira, citada por Nelson Werneck Sodré, diz que *Bom Crioulo* é um livro:

[...] ousado na concepção e na execução, forte e dramático, humano e verdadeiro, é, a despeito dos senões apontados, com *O Cortiço*, o ponto alto do naturalismo. Há, porém, nele uma grandeza, uma terrível grandeza, a que só por momentos atingiu Aluísio Azevedo. Denso, cerrado, sombrio, o seu ambiente todo parece augurar as explosões do vício e do crime. Até o mau gosto por vezes desagradável de Caminha como que torna mais convincente a triste condição dos homens que evoca, oficiais endurecidos pelo hábito do mando, marinheiros desmoralizados por uma disciplina cruel. Gente rudimentar, gente grosseira - mas gente de verdade, obrigando o leitor a sentir a fatalidade do destino que a faz tão miserável. (SODRÉ, 1965, p.192)

O Naturalismo não teve uma longa duração no Brasil e nem mesmo corresponde a um rompimento com o Romantismo. Mais que um processo literário foi uma "atitude geral diante da vida" (SODRÉ, 1964, p.381). Esse período é marcado pelo desvio para a observação e transposição dos costumes.

No período predominava "o cientismo, o culto à ciência, em voga no Brasil a partir da segunda metade do século XIX, com a divulgação de teorias científicas europeias (Taine, Darwin, Comte, Gobineau)" (BERND, 2003, p.57). Essa utilização das teorias científicas dominava a cena literária na virada do século. Artur de Gobineau viveu entre os anos de 1816 e 1882, publicou um livro chamado *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas*, em 1854, servindo de modelo para escritores igualmente racistas e legitimando cientificamente o racismo com base nos estudos de craniometria. A ideia central do ensaio era de que as civilizações regrediam quando o sangue da elite misturava-se com o das massas, porque o intelecto branco era por ele considerado maior do que o do negro ou que do amarelo. A teoria racional de Gobineau teve impulso com o Darwinismo. Do cruzamento das ideias dos cientistas surgiu o Darwinismo social.

O Brasil do fim do século XIX supervalorizava a Europa. Data deste período, a vinda dos imigrantes europeus para o país, disfarçando uma tentativa de branqueamento da população a propósito de necessidade de mão-de-obra.

3 HERÓI

É porém a personagem que com mais nitidez torna patente a ficção, e através dela a camada imaginária se adensa e se cristaliza.

Antonio Candido

Lukács compara o herói da epopeia ao herói do romance, apontando a superioridade do épico. O herói da epopeia não é apenas um indivíduo, "desde sempre considerou-se traço essencial da epopeia que seu objeto não é um destino pessoal, mas o de uma comunidade" (LUKÁCS, 2000, p.67).

Lukács acreditava que a estrutura do romance fundava-se na trajetória de vida de um sujeito problemático num mundo contingente. Apesar do herói do romance não se tratar de uma comunidade, ele carrega em si os valores de uma determinada sociedade na qual está inserido.

O romance é a epopéia de uma era para a qual a totalidade extensiva da vida não é mais dada de modo evidente, para a qual a imanência do sentido à vida tornou-se problemática, mas que ainda assim tem por intenção a totalidade. (LUKÁCS, 2000, p. 55)

O herói de Bom Crioulo é um herói problemático, visto que não pertence à classe dominante, e é um escravo fugido, ao mesmo tempo em que representa um ideário de libertação dos escravos. Pois o desejo de Amaro em libertar-se não é um desejo que pertence somente a ele e sim a todo o negro que se encontrava naquela situação, em uma época onde fervilhavam os ideais abolicionistas. Assim, "a intenção fundamental determinante da forma do romance objetiva-se como psicologia dos heróis romanescos: eles buscam algo" (LUKÁCS, 2000, p.60).

O enredo do romance é apresentado através do personagem, "enredo e personagem exprimem, ligados, os intuítos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam" (CANDIDO, 1968, p.54).

Para os heróis do romance existe a dúvida do destino e uma busca para conhecer a si mesmo, já "os heróis da epopeia percorrem uma série variegada de aventuras, mas que vão superá-las, tanto interna quanto externamente, isso nunca é posto em dúvida; os deuses que presidem o mundo têm sempre de triunfar sobre os demônios" (LUKÁCS, 2000, p.91).

O caráter do nosso herói não é contestado e mesmo quando ele é castigado é por uma causa nobre, envolveu-se em briga para defender o menino. A relação amorosa que tem, não é vista como uma falta em seu caráter, mas em alguns momentos é atribuída ao comportamento animal do homem. E como ele mesmo sabe que esta relação não se trata de uma relação aceita pela sociedade e também pela instituição da marinha, ele luta contra esse sentimento. Porém não luta somente contra o sentimento do amor homossexual que sente, luta também contra o desejo carnal e a necessidade do homem de ter relações sexuais.

A psicologia do herói romanesco é o campo de ação do demoníaco.[...] Os homens desejam meramente viver, a as estruturas, manter-se intactas.[...] Súbito descortina-se então o mundo abandonado por deus como falta de substância, como mistura irracional de densidade e permeabilidade: o que antes parecia o mais sólido esfarela como argila seca ao primeiro contato com quem está possuído pelo demônio, e uma transparência vazia por trás da qual se avistavam atraentes paisagens torna-se bruscamente uma parede de vidro, contra a qual o homem se mortifica em vão e insensatamente, qual abelhas contra uma vidraça, sem atinar que ali não há passagem. (LUKÁCS, 2000, p. 92)

Em alguns momentos, o herói é descrito com capacidades físicas sobre-humanas, lembrando o herói ser superior, destacado, diferente da média os homens. Porém, é um herói que possui problemas e conflitos, diferenciando-se do herói épico.

4 A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM

Como seres humanos encontram-se integrados num denso tecido de valores de ordem cognoscitiva, religiosa, moral, político-social e tomam determinadas atitudes em face desses valores.

Antonio Candido

O herói da obra, Amaro, é bastante diferente dos heróis abordados até então na literatura nacional. Além de tratar de um protagonista negro, ex-escravo de uma sociedade que recém libertara os negros, Amaro é considerado o primeiro protagonista homossexual da literatura brasileira. Tanto o negro quanto o homossexual, ainda hoje sofrem preconceito na sociedade. Adolfo Caminha, por vezes, descreve a relação homoerótica com algum preconceito, visto que na época a ciência explicava o caso como reversão de sexualidade e a própria sociedade era preconceituosa. O desejo sexual do negro é visto como um componente selvagem da sua negritude.

O primeiro momento em que um personagem negro é descrito na obra aparece como "figura exótica de um marinheiro negro, de olhos muito brancos, lábios enormemente grossos, abrindo-se num vago sorriso idiota, e em cuja fisionomia acentuavam-se linhas características de estupidez e subserviência" (CAMINHA, 2009, p.27). A descrição não atribui essa subserviência ao negro, na condição de ex-escravo que quer agradar seu senhor e sim a todos marinheiros perante o comandante, pois todos apresentavam-se com "um respeito profundo chegando às raíais da subserviência animal que se agacha para receber o castigo, justo ou injusto" (CAMINHA, 2009, p.28). Essa submissão é característica das instituições militares e convém lembrar que na época eram aplicados castigos corporais aos marinheiros.

A história começa justamente com a aplicação destes castigos corporais aos marinheiros que estavam presos, assim surge Amaro no romance,

[...] um latagão de negro, muito alto e corpulento, figura colossal de cafre, desafiando, com um formidável sistema de músculos, a morbidez patológica de toda uma geração cadente e enervada, e cuja presença ali naquela ocasião, despertava grande interesse e viva curiosidade: era o Amaro, gajeiro de proa - o *Bom Crioulo* na gíria de bordo. [...] O célebre, o terrível Bom Crioulo. (CAMINHA, 2009, p.35).

O negro é descrito através de suas características físicas e o autor atribui certa animalidade a sua forma em diversos momentos por meio de comparações com animais, "um recolhido e traiçoeiro cunho de flexibilidade e destreza felinas [...], o negro parecia uma fera desencarcerada" (CAMINHA, 2009, p.36).

O comportamento do Bom Crioulo, como é chamado no romance, é "manso quando se achava em estado normal, longe de qualquer influência alcoólica" (CAMINHA, 2009, p.37). "Hoje manso como um cordeiro, amanhã tempestuoso como uma fera. Cousas do caráter africano" (CAMINHA, 2009, p.77). "Manso" é qualidade de animal, significa domesticado e aqui é usado para descrever pessoas, característico do período naturalista onde as pessoas são vistas como animais e seus sentimentos tratados quase como patologia. Então, percebe-se que o autor atribui características animais também ao caráter do negro, pois "manso" é uma característica da sua personalidade.

O Bom Crioulo era admirado e querido por todos, não tinha inimigos, "a grandeza do mar enchia-o de uma coragem espartana [...] a bordo todos o estimavam como na fortaleza" (CAMINHA, 2009, p.44). Amaro era um escravo fugido que foi perseguido, e "só temia regressar à 'fazenda', voltar ao seio da escravidão" (CAMINHA, 2009, p.39), entrou para a marinha "rude como um selvagem [...], mas no fim de alguns meses todos eram de parecer que 'o negro dava para gente'" [...], "seu caráter era tão meigo que os próprios oficiais começaram a tratá-lo por Bom Crioulo" (CAMINHA, 2009, p.41).

Há de se levar em conta que o negro, na condição da escravidão, era tratado como animal, como uma propriedade dos senhores. Por isso também, a obsessão com a descrição física naturalística. Nota-se uma grande atenção para a capacidade física do negro e um reconhecimento de sua beleza:

tinha as costas de ferro para resistir como um Hércules (CAMINHA, 2009, p.37), não havia osso naquele corpo de gigante: o peito largo e rijo, os braços, o ventre, os quadris, as pernas, formavam um conjunto respeitável de músculos, dando uma ideia de força física sobre-humana, [...], um animal inteiro era o que ele era (CAMINHA, 2009, p.44), era uma massa bruta de músculos ao serviço de um magnífico aparelho humano [...] Uma coisa, porém, ele soubera conservar: a força física, impondo-se cada vez mais aos outros marinheiros, que não ousavam agredi-lo nem brincando. Sua fama de homem valente alargara-se de modo tal que mesmo na província falava-se com prudência no "Bom Crioulo". - Quem é que não o conhecia, meu Deus? Por sinal tinha sido escravo e até nem era feio o diabo do negro... (CAMINHA, 2009, p.48)

Como era o mais forte, Bom Crioulo, ganha uma fama de "perigoso" a bordo. "Os outros pediam-lhe desculpa, humilhavam-se, adulavam-no, porque sabiam que o negro era meio doido" (CAMINHA, 2009, p.69). Os serviços mais pesados eram feitos por ele e ficava conhecido em todos os navios, sendo respeitado, mas ao mesmo tempo temido.

D. Carolina depois do caso com Aleixo, depois de receber o bilhete do negro, admite o medo que tem deste, "negro é raça do diabo, raça maldita, que não sabe perdoar, que não sabe esquecer" (CAMINHA, 2009, p.133). A admiração e o medo pelo negro se confundem.

Contudo o negro é possuidor de uma bondade natural, não sendo contrariado e estando feliz, Bom Crioulo é uma criatura dócil, "assíduo no trabalho, nunca se negando a fazer o que lhe ordenavam, cumprindo suas obrigações com a mesma paciência de outrora" (CAMINHA, 2009, p.82).

Pela sua generosidade salvou de morrer em um assalto a dona da pensão, D. Carolina, sem pedir nada em troca, "nunca vira tanta coragem e tanto desinteresse" (CAMINHA, 2009, p.74). Além da generosidade, o negro possuía outros sentimentos que enobreciam seu caráter, como a piedade demonstrada no episódio em que viu um homem caído ao chão, carrega o homem à Santa Casa de Misericórdia, "fez-lhe pena ver aquele pobre homem caído ali assim, no meio da rua [...]. Talvez fosse algum pai de família, coitado, algum infeliz" (CAMINHA, 2009, p.102). A nobreza do sentimento do Bom Crioulo está em colocar-se no lugar do outro, ele que já caíra bêbado na rua, e ajudar sem mesmo saber quem é a pessoa.

Porém quando contrariado, Amaro deixa de ser o Bom Crioulo e torna-se um ser rancoroso e vingativo. Para Aleixo, "quando se zanga, Jesus! chega a meter medo..." (CAMINHA, 2009, p.88). O tempo que fica no hospital, acaba com a estabilidade do humor do Bom Crioulo, "ele sofria tudo com aquele orgulho selvagem de animal ferido, que se não pode vingar porque está preso e que morre sem um gemido, com um olhar aceso em cólera impotente!" (CAMINHA, 2009, p.111). A distância do amor torna Amaro amargo.

A decepção do relacionamento justifica a mudança de comportamento, "uma pessoa, no fim das contas, era obrigada a tornar-se ruim, a fazer todas as loucuras... Isso de a gente pensar na vida, sacrificar-se, proceder bem, não vale nada, é uma grande tolice, uma grande asneira" (CAMINHA, 2009, p.139). Ao dizer tais palavras, Amaro demonstra que ao agir pensa nos outros e essas palavras são apenas um desabafo em relação ao desprezo de Aleixo, não representam de

maneira nenhuma a crença que o negro tem na vida. Pois, Amaro não age sem preocupar-se com os outros, sem preocupar-se com o resultado de suas ações.

5 A TRAJETÓRIA DE AMARO

Amaro tem uma trajetória de valentia desde sua fuga da condição de escravo. O Bom Crioulo fugiu numa época em que o abolicionismo ainda não havia vencido, sem refletir sobre "as dificuldades por que passa todo homem de cor" (CAMINHA, 2009, p.38) e se tornou um marinheiro, o que simbolizou uma libertação, pela possibilidade de sair em alto mar. "A liberdade entrava-lhe pelos olhos, pelos ouvidos, pelas narinas" (CAMINHA, 2009, p.39), "todo o conjunto da paisagem comunicava-lhe uma sensação de liberdade e vida [...], sentia-se verdadeiramente homem igual aos outros homens" (CAMINHA, 2009, p.40). É interessante ressaltar que para o negro a liberdade tem um significado distinto. Enquanto que para o branco é um bem, para o negro a liberdade é uma conquista.

O Bom Crioulo ganhou a afeição dos oficiais e aprendeu o serviço rápido, foi enviado para uma viagem ao sul, momento em que se sente tão livre quanto fora recrutado para a marinha. No navio todos são submetidos ao mesmo rigor da disciplina sem diferença entre os homens, "ali não se olhava a cor ou a raça do marinheiro: todos eram iguais, tinham as mesmas regalias - o mesmo serviço, a mesma folga" (CAMINHA, 2009, p.40).

Porém depois do castigo, Amaro começa a se cansar da vida de marinheiro, do trabalho, da obediência, alguns diziam "que a cachaça estava deitando a perder 'o negro'" (CAMINHA, 2009, p.46), outros atribuíam seu desleixo à relação com Aleixo, "o tal grumete, o belo marinheirito de olhos azuis, que embarcara no sul" (CAMINHA, 2009, p.46).

O primeiro castigo que teve foi porque esmurrou o segunda-classe que maltratou Aleixo, com quem mantinha uma relação de proteção. O protagonista não merece o castigo, pois estava defendendo o menino, exemplo de seu caráter nobre, porém indício de sua paixão.

Com o tempo, a angústia trazida pelo medo de perder seu amor começa a fazer parte da vida do Bom Crioulo, e ele também demonstra desilusão com a vida na Marinha, "escravo na fazenda, escravo a bordo, escravo em toda a parte..." (CAMINHA, 2009, p.68).

O concubinato fez com que Bom Crioulo tivesse uma vida regrada. Nota-se um comportamento semelhante ao do homem quando casa e passa a viver calmamente na rotina do lar. Porém, quando foi nomeado para servir em um navio onde não conseguia ir à terra, separado de Aleixo, "enchia-se de ódio contra os superiores" (CAMINHA, 2009, p.95).

Em certo momento, Amaro bebe e faz escândalos no cais, é preso e castigado, "o invencível Bom Crioulo sente-se agarrado, preso como um animal feroz" (CAMINHA, 2009, p.108).

Depois de duramente castigado, vai parar no hospital, onde fica amargurado, desesperado de amor e privado de sua liberdade, "aquela vida triste de hospital enchia-o de aborrecimentos, era um castigo sem nome para quem, como ele, reclamava liberdade e amor - liberdade absoluta de proceder conforme seu temperamento, amor físico por uma criatura do mesmo sexo que o seu" (CAMINHA, 2009, p.119).

Durante a narrativa, a exclamação "que os pariu!" demonstra sua revolta em relação à Marinha, em relação a Aleixo, em relação aos superiores, em relação a todos que o abandonam. A revolta leva o Bom Crioulo ao crime.

6 A RELAÇÃO HOMOERÓTICA E O AMOR

Já no começo da história podemos perceber como serão tratadas as questões sexuais. A história começa com o castigo aplicado a Herculano, um dos marinheiros que foi pego por um colega masturbando-se,

[...] uma ação feia e deprimente do caráter humano [...], com o braço numa posição torpe, cometendo contra si próprio, o mais vergonhoso dos atentados. [...] Herculano acabava de cometer um verdadeiro crime não previsto nos códigos, um crime de lesa natureza cometendo contra si próprio, o mais vergonhoso dos atentados [...], derramando inutilmente no convés seco e estéril, a seiva geradora do homem. (CAMINHA, 2009, p.33)

Sobre Albuquerque, comandante de um navio, a quem Amaro estimava, se dizia "que preferia um sexo a outro nas relações amorosas [...], não tinha nada a ver com isso [...], ninguém está livre de um vício" (CAMINHA, 2009, p.45-6). Esse é o primeiro momento que a obra fala na relação homossexual masculina e essa é a opinião de Amaro sobre a preferência do comandante. Pela visão do Bom Crioulo, percebe-se a ideia de que o homossexualismo era como uma doença, como um vício do qual o homem não podia fugir.

O amor começa à primeira vista, "no momento fatal em que seus olhos se fitaram pela primeira vez" (CAMINHA, 2009, p.46), e é descrito como uma paixão comum, assim como a "que acomete ao mesmo tempo duas naturezas de sexo contrários, determinando o desejo fisiológico da posse mútua, essa atração animal que faz o homem escravo da mulher e que em todas as espécies impulsiona o macho para a fêmea" (CAMINHA, 2009, p.46).

A relação começa como forma de proteção ao adolescente de quinze anos. Amaro se oferece para proteger o menino, "quando alguém o provocar, lhe fizer qualquer coisa, estou aqui eu, para defender, ouviu?" (CAMINHA, 2009, p.47). E quando Bom Crioulo é castigado por tê-lo defendido, Aleixo reconhece "como um protetor desinteressado, amigo dos fracos" (CAMINHA, 2009, p.48).

Mesmo que Bom Crioulo tenha tido experiências mal sucedidas com mulheres, não podemos atribuir sua homossexualidade a isso, pois o que apresentava era um desinteresse e até uma repulsa ao sexo oposto. E mesmo assim não se sentia a vontade com seus sentimentos em relação ao menino, "como é que não tinha forças para resistir aos impulsos do sangue? como é

que se compreendia o amor, o desejo da posse animal entre duas pessoas do mesmo sexo, entre dois homens?" (CAMINHA, 2009, p.51).

O amor e o desejo sexual são vistos como instinto animal do homem e não somente do negro. Mas como não lhe servia outro, queria somente Aleixo e não lhe serviam as mulheres, para satisfazer seu desejo. Portanto, percebe-se na obra o amor homossexual. O Bom Crioulo, conquista o menino, cortejando-o, dando-lhe presentes, da mesma forma respeitosa com que faria com uma mulher. Não podemos considerar a obra uma defesa da homossexualidade, mas pelo menos admite a existência do amor entre pessoas do mesmo sexo. Em nenhum momento do texto, o amor de Bom Crioulo é apresentado como inferior ao amor que este poderia sentir em relação a uma mulher.

Bom Crioulo apaixonado, sonhava morar com Aleixo em quarto alugado e prometia ao menino uma vida de passeios e teatros no Rio de Janeiro. Aleixo cede, depois das promessas de Bom Crioulo, levando em conta o momento em que este havia sido castigado por defendê-lo, "e consumou-se o delito contra a natureza" (CAMINHA, 2009, p.63). A relação sexual entre homens é considerada antinatural, "um delito contra a natureza", ou seja, uma agressão ao corpo. Porém, esta visão pejorativa só se dá para com a relação sexual, não com a amorosa. Diferentemente do período do Romantismo, o Naturalismo permite a realização da paixão carnal.

Com a realização do ato sexual, Bom Crioulo percebe que só podia sentir por um homem o amor que havia procurado nas mulheres. Mas não considera natural a sua forma de amar, "nunca se apercebera de semelhante anomalia, nunca em sua vida tivera a lembrança de perscrutar suas tendências em matéria de sexualidade" (CAMINHA, 2009, p.66). A grandeza do sentimento não é contestada, mesmo sendo considerado anormal o amor pelo ser do mesmo sexo.

Com alguma distância do negro, o menino deixa de lado sua admiração e gratidão:

Uma coisa desgostava o grumete: os caprichos libertinos do outro. Porque Bom Crioulo não se contentava em possuí-lo a qualquer hora do dia ou da noite, obrigava-o a excessos, fazia dele um escravo, uma 'mulher à-toa', propondo quanta extravagância lhe vinha à imaginação. Logo na primeira noite exigiu que ele ficasse nu, mas nuzinho em pelo: queria ver o corpo... (CAMINHA, 2009, p.78)

Para Bom Crioulo, Aleixo era como uma mulher e por ele tinha um desejo animal, "faltavam-lhe os seios para que Aleixo fosse uma verdadeira mulher [...], dentro do negro rugiam desejos de touro ao pressentir a fêmea..." (CAMINHA, 2009, p.79). E a vida a dois trazia

calmaria ao humor instável do negro, "a convicção de que Aleixo não o traia, entregando-se à fúria selvagem de qualquer marmanjo, a certeza de que era respeitado pelo outro comunicava-lhe essa tranquilidade confiante de marido feliz" (CAMINHA, 2009, p.83). A descrição do corpo do menino transmite debilidade e fragilidade, assemelhando-se ao corpo feminino. Também há como interpretar a descrição física de Aleixo, menino branco de olhos azuis, como a valorização do tipo europeu recorrente na época.

Com desenvolvimento da narrativa, a distância entre os dois aumenta e Amaro começa a ter pensamentos doentios. Depois da relação com D. Carolina, Aleixo não quer mais o Bom Crioulo. A saudade consumia o negro, "aquilo não ia bem [...], estava emagrecendo à toa, não comia não tinha descanso, em termos de adoecer, de apanhar uma moléstia, por causa do senhor Aleixo" (CAMINHA, 2009, p.101).

O amor que Amaro sente começa a dar indícios da atitude que vai ter no final do romance, e mesmo o seu caráter já conhecido, feroz quando contrariado já denunciavam este fim. O sentimento de posse domina o negro, "desejava-o, sim, mas virgem de qualquer outro contato que não fosse o dele" (CAMINHA, 2009, p.120).

Bom Crioulo foi dominado pela angústia, quando estava no hospital recuperando-se dos castigos que recebera depois de fazer um escândalo no cais. Sentindo que não era correspondido no seu amor, desespera-se e manda uma carta para Aleixo, "e se ele não viesse? [...] é porque já não o estimava, é porque o desprezava" (CAMINHA, 2009, p.124).

O desejo pelo menino dominava Amaro, "nenhuma criatura humana, fosse a mais bela de todas as mulheres, alcançaria proporcionar-lhe tanto gozo" (CAMINHA, 2009, p.126). E o amor tornava-se doentio, "só tinha uma ideia: vingar-se do efebo, persegui-lo até a morte, aniquilá-lo para sempre! [...] o desejo de tornar a possuir o grumete, esse desejo aumentava em seu coração ferido pelo desprezo do rapazinho" (CAMINHA, 2009, p.140).

Consumido pelo amor e desesperado pelo desprezo, Amaro arquiteta vinganças de possuir o rapaz novamente como uma questão de honra, "era uma questão de gozá-lo, maltratando-o, vendo-o sofrer, ouvindo-o gemer [...] não era somente o gozo comum [...] era o prazer brutal, doloroso, fora de todas as leis, de todas as normas" (CAMINHA, 2009, p.145). E o repúdio ao abandono deixa o negro moralmente destruído, "era uma mal-estar, um nervoso, uma aflição, um delírio, um vago desejo de matar, de assassinar, de ver sangue" (CAMINHA, 2009, p.152).

A única saída para Amaro é o crime passional, o que se torna uma saída também para o romance, pois a relação homossexual não sendo aceita pela sociedade, não pode escapar do castigo na literatura. Amaro mata o menino, mas a cena não é totalmente descrita. O autor opta por impor a confusão que se dera e descrever o corpo morto de Aleixo.

Aleixo passava nos braços de dois marinheiros, levado como um fardo, o corpo mole, a cabeça pendida para trás, roxo, os olhos imóveis, a boca entreaberta. O azul-escuro da camisa e a calça branca tinha grandes nódoas vermelhas. O pescoço estava envolvido num chumaço de panos. Os braços caíam-lhe, sem vida, inertes, bambos, numa frouxidão de membros mutilados. (CAMINHA, 2009, p.156)

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que com este trabalho, consegui analisar a obra, através da análise de seu herói e de sua trajetória, demonstrando que o Bom Crioulo é um herói negro de caráter nobre, porém resguardadas suas características étnicas. Em nenhum momento a construção do herói apresenta como seu desejo viver como a elite branca.

As características sociais, econômicas e culturais da época do início da República que foram expostas através da leitura de História da Literatura, além da análise da obra contribuíram para realização do trabalho. Dessa maneira, o estudo contribui não apenas com o conhecimento da trajetória e construção do herói na obra, mas também com aspectos culturais do final do século XIX e início do século XX.

A análise estética do herói com base na construção da identidade e trajetória da personagem, relaciona as distinções entre o herói épico e o herói romanesco teorizado por Georg Lucáks. O herói de *Bom Crioulo* apresenta-se como um herói problemático e conflituoso que anseia por liberdade, carregando em si os ideais abolicionistas da época. Este herói ainda foge aos preceitos da época por tratar-se do primeiro protagonista homossexual da literatura deste país.

Além de trabalhar as características sociais, econômicas e culturais da época, este trabalho buscou relacioná-las com o Naturalismo, para que a obra tivesse uma análise completa e objetiva. O estudo não foi reduzido apenas à análise de uma das personagens de *Bom Crioulo*, mas conteve uma análise da relação homoerótica tão pouco abordada na literatura brasileira e tão pouco discutida nos estudos acadêmicos.

REFERÊNCIAS

BERND, Zilá. **Literatura e Identidade Nacional**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

CAMINHA, Adolfo. **Bom Crioulo**. São Paulo: Hedra, 2009.

CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1968.

FREYRE, Gilberto. **Heróis e Vilões no Romance Brasileiro**. São Paulo: Cultrix, 1979.

LUKÁCS, Georg. **A Teoria do Romance**. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Literatura Brasileira, Seus Fundamentos Econômicos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

_____. **O Naturalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.